

EDUCAÇÃO CONTINUADA DO TRABALHADOR NO BRASIL: UMA PROPOSTA PARA ALÉM DO MERCADO

Silvia Andréia Zanelato de Pieri **Oliveira** – UNIPLAC

Ao longo da história, pela necessidade do homem em transmitir às novas gerações os valores, conhecimentos e saberes construídos e no intuito de formar indivíduos plenos e participativos no seu entorno se utilizou a educação, entendida como existente em toda parte, em cada grupo de acordo com seus costumes, crenças e tradições. A educação não é única, ela traduz as características de cada modo de vida de uma sociedade, não segue um modelo padrão e não tem um espaço formal para o seu acontecimento.

Nas palavras de Brandão (2001, p. 10), a educação é uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade.

Fração esta, de experiências acumuladas no decorrer dos tempos, estabelecendo relações entre os indivíduos envolvidos em processos de ensino-aprendizagem.

O homem precisa da educação, reconhecendo-o como indivíduo, dando valor a si mesmo através do desenvolvimento de habilidades necessárias para o alcance de seus objetivos, reconhecendo-o como cidadão, como parte da sociedade, contribuindo desta forma, na formação moral, na visão e atuação de um todo, com princípios baseados no valor e respeito a espécie humana.

Segundo Martins (2000, p. 22)

Realmente, observa-se que o ato educativo passa a ser social e político, assim como essas relações sociais e políticas não deixam de ter implicações pedagógicas. Isso porque a forma de relacionamento entre esses diferentes – mas imbricados – processos é dialética.

Todos nós estamos sempre nos desenvolvendo e atuando em um campo político. Isso significa que nossas atividades e decisões relacionadas com as questões sociais, econômicas e culturais estão fortemente interligadas às futuras ações.

O homem não produz num ato isolado, mas sim numa ação coletiva, num contexto social formando a sua consciência como ser histórico.

Concomitante a este processo pelo domínio cada vez maior da natureza e das suas relações, o homem acelera o seu desenvolvimento como espécie biológica desenvolvendo a si próprio e descobrindo a sua essência.

Conforme enfatiza Pinto (1979, p.84)

A medida que as relações do homem com o mundo deixam de ser as de um animal simplesmente adaptado ao mundo para se converterem, simultaneamente com isso, em relações de adaptação do mundo a ele, o que impõe a transformação deliberada e artificial da realidade exterior, aparece o *trabalho* como o modo pelo qual o homem começa a *produzir* para si o mundo, os objetos e as condições de que precisa para existir.

O trabalho é uma criação do homem e ao mesmo tempo que cria depende dele para sua evolução e interação com o mundo. Faz parte do seu processo histórico condicionando a historicidade da realidade humana.

Para muitos estudiosos, a história do homem se confunde com a história do trabalho, simplesmente não seria possível conceber o primeiro sem o segundo.

O mundo do trabalho está passando por transformações velozes e fantásticas. A era da indústria está terminando, começa a era do conhecimento.

Segundo Castells (2001), o século XX foi considerado a “gênese de um novo mundo”, marcado por tensões e mudanças nos âmbitos sociais, econômicos, políticos e culturais, estabelecendo uma contradição na dialética capital-trabalho, práticas sociais, códigos culturais, processos formativos, que influenciaram desde os valores pessoais e as visões de mundo compartilhadas por pequenos grupos, até as já instituídas formas de organização na estrutura social.

Neste contexto podemos afirmar que a principal característica capitalista é a força de produção ter assumido a forma de mercadoria, onde o trabalhador produz para o capital e não para si, sendo mais um simples objeto de produção.

Dessa forma modelos e métodos de produção como taylorismo e fordismo, foram implantados com a idéia de concentrar a mão de obra com vista à dominação e alienação, através de processos fragmentados, maior controle e racionalização do trabalho, intensificando o papel do trabalhador como mero executor, com investimentos e avanços tecnológicos para o controle e acumulação de riquezas por parte do capital.

Neste terceiro milênio a ascensão do toyotismo, modelo de produção japonês trouxe uma perspectiva e um discurso de um trabalho mais flexível nos setores de produção, enfatizando o trabalho em equipe, porém a reconfiguração deste modelo aliado ao local e mercado de trabalho se deu muito mais a favor do empresário do que dos trabalhadores.

O discurso passa a ser de um trabalhador mais qualificado, participativo, multifuncional e polivalente. Expressões como o *just in time*, *kanban*, *team work*, a eliminação do desperdício e o controle de qualidade total são parte do discurso do modelo toyotista de produção e adotadas pelas empresas em todo o mundo.

Em razão da crescente globalização do mercado, amparada pela força do capitalismo e políticas neoliberais parece difícil pensar na emancipação do trabalhador, uma vez que não interessa ao sistema capitalista indivíduos que tenham autonomia intelectual, a ponto de se organizarem em classe para buscar seus direitos, reconhecendo seu espaço de trabalho com uma condição humana e social, não apenas sendo visto como mais um produto.

A organização do trabalho, com base no processo de modernização, com a disseminação do uso de novas tecnologias e métodos de gerenciamento, reafirma que as empresas exigem cada mais um nível maior de conhecimento de seus trabalhadores.

... temos um cenário em que crescem as discussões acerca da vulnerabilidade do trabalhador e de sua inserção profissional e nestas discussões, invariavelmente, encontramos a questão da qualificação do trabalhador e da sua preparação para enfrentar os desafios estabelecidos por este “novo” mercado de trabalho e, como em outros momentos da história do desenvolvimento de nossa sociedade, recorre-se à Educação como se ela fosse um mecanismo capaz de dar conta do caos econômicos. (Tuppy apud Revista da FAEEBA, 2006, p. 36)

Essa educação ainda pensada pela empresa de forma tecnicista, politécnica, aprofundando conhecimentos com base na profissionalização, vendo a qualificação como acúmulos de habilidades e na capacidade de desenvolver um trabalhador pró-ativo.

A qualificação atrelada desde o modelo de produção taylorista-fordista numa visão contemporânea dá espaço ao conceito de competência profissional atendendo aos conteúdos do trabalho flexível trazido pelo toyotismo, designando maior capacidade do trabalho em sua área de atuação, mesmo assim ainda continua direcionada a um conjunto

de características das rotinas de trabalho, com aprendizagens adquiridas em treinamentos para a execução de tarefas nos diferentes postos de trabalho.

Esta investigação parte do pressuposto que trabalho é uma atividade exclusivamente humana e o homem deve agir e ajustá-lo às suas necessidades, reconhecendo-se como protagonista de sua atividade laboral e portanto, vai de encontro a esta visão da utilização da Educação Continuada para fortalecer e preparar ainda mais o trabalhador para o mercado de trabalho. Pretende-se então, desmistificar este modelo que evidencia a alienação e dominação, criticando seus discursos de pós-modernidade, como forma dos fins justificar os meios e promovendo uma análise, discussão e propostas de possibilidades de emancipação, relação humana entre trabalhadores nos seus espaços de trabalho.

Este Trabalho entendido como “a produção da existência humana”, nos dizeres de Marx, será sempre qualificador, propiciando o exercício da criação, da reflexão e da auto-realização, aliado a Educação como um processo que se dá ao longo da vida, onde todos tem direito de continuar aprendendo, devendo assim ser entendida como condição e consequência do exercício pleno da cidadania.

Esta pesquisa tem uma proposta diferenciada na temática Educação e Trabalho, pois pretende estudar a formação do desenvolvimento da consciência política e social do trabalhador, tendo como mediação e elemento articulador a Educação Continuada. A educação nos dizeres de Gramsci é o único meio de transformação do ser humano capaz de fazê-lo refletir sobre si e sobre o outro, desenvolver tanto a consciência de si, quanto a do outro e conseqüentemente, de uma classe. Essa educação histórico-crítica é o fio condutor na nossa investigação, pois somente por ela teremos o desenvolvimento da autonomia intelectual, contribuindo para o processo de emancipação do trabalhador, reconhecendo-o como sujeito-histórico. Gramsci vai afirmar que somente uma educação de qualidade fará a revolução em um país cujo sistema de produção é o regido pelo capitalismo selvagem. E é com embasamento em Marx e Gramsci que esta investigação irá se nortear.

A relevância desta pesquisa para a região serrana catarinense e para o Brasil se dá pelo fato desta promover estudos e reflexões sobre a Educação Continuada e não Formação Continuada, outro canto da sereia posta pelo Banco Mundial na educação brasileira no final

da década de 90 e que somente maquia a reprodução da ideologia dominante e da desigualdade social.

A Educação Continuada aproxima o homem de sua realidade, percebendo-o como verdadeiro cidadão, sendo uma educação transformadora que se dá de forma dialética a partir de suas ações, em diferentes espaços de interação, ocorrendo além do âmbito da instituição de ensino formal, em um mundo social e histórico, em que parte e todo se relacionam de forma sistêmica.

Ultrapassa os espaços da organização, com cursos voltados a incrementação do capital humano no mercado e trabalho, ela deve promover e identificar as diferentes formas que se aprende para uma atuação mais consciente e crítica na sociedade, tornando-se capaz de incorporar a evolução da ciência e da tecnologia e desenvolver nas pessoas sua capacidade de pensar.

A expressão “Continuada”, sendo sinônimo de permanente, não havendo prazo nem limites para educar-se, considerando os conhecimentos aprendidos na formação básica e inicial do trabalhador às experiências e saberes adquiridos no exercício profissional para o surgimentos de novas aprendizagens no sentido de construir novos conhecimentos. O mundo do trabalho será cada vez mais um mundo de educação e este é o grande âmago das nossas discussões.

Nesse contexto, a proposta de Educação Continuada é uma possibilidade de encontro, de momento onde trabalhadores tenham espaço para discussão, para exercício de sua palavra, tornando-o consciente da importância do seu papel no processo produtivo, ampliando sua visão do todo, desenvolvendo sua auto-consciência, marcando o fim da dominação do trabalho sobre o homem, e o começo da dominação do homem sobre seu trabalho.

Situar o homem no mundo do trabalho é contribuir na sua formação política, possibilitando uma participação consciente nas sugestões de melhorias em seu ambiente de trabalho, na resolução de seus problemas, criando soluções e encontrando novos caminhos.

Esta pesquisa tem o caráter investigativo e instigante, pois entende que o ser humano deve ampliar os seus conhecimentos, porém ressalta-se que devemos partir dos seus conhecimentos prévios e convidá-los a uma leitura reflexiva e profunda da realidade, provocando-as para mudanças e rupturas na busca de sua emancipação intelectual e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 32ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide V. Majer. 7ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Revista da FAEEBA: Educação e contemporaneidade, vol. 15, n. 26 (jul./dez., 2006) – Salvador: UNEB, 2006.

MARTINS, M. F. **Ensino Técnico e globalização, cidadania ou submissão?** 1ed. São Paulo: Autores Associados, 2000.